

## **A ressignificação das propostas do Pan-africanismo e da Negritude em Roteiro dos Tantãs de Oliveira Silveira**

Mestranda Kislana Rodrigues Ramos da Silva<sup>i</sup> (UEPB)  
Orientadora Profa. Dra Rosilda Alves Bezerra<sup>ii</sup> (UEPB)

...

### **Resumo:**

*Este estudo propõe a análise de alguns dos poemas do livro Roteiro dos Tantãs (1981), de Oliveira Silveira, com o objetivo de verificar o diálogo da poética do autor com as propostas da Negritude e do Pan-africanismo. Para isso, empreenderemos os estudos referentes às questões de resistência, africanidade, negritude e afrodescendência que serão contemplados através dos pressupostos teóricos e históricos de Nascimento (1981), Appiah (1997), Cuti (2010) e Munanga (2012), entre outros. A presente análise objetiva mostrar a busca da ancestralidade e das configurações identitárias na retomada das origens africanas, destacando uma poética de resistência na busca de uma cultura e na afirmação da identidade negra, além da relação com a negritude e denúncia dos preconceitos. Oliveira Silveira, apesar de ser pouco estudado, mostra-se como um dos autores mais representativos da literatura afro-brasileira.*

**Palavras-chave:** Negritude, Pan-africanismo, Oliveira Silveira.

### **1 O Pan-africanismo e o movimento da Negritude**

O pan-africanismo caracteriza-se como um movimento que procurou propagar para o mundo uma nova visão da África. Historicamente, o pan-africanismo foi marcado por manifestações realizadas através de conferências e congressos, principalmente no início do século XX.

Nos aspectos políticos e culturais do pan-africanismo destacaram-se o intercâmbio no plano da educação, a repercussão das conferências pan-africanistas, atividades comerciais e literárias entrelaçando o contato entre os africanos e os negros norte-americanos. Os quatro nomes ligados ao movimento para sua formação em caráter oficial durante o período colonial foram: Brooker T. Washington, W. E. B. Du Bois, Marcus Garvey e Aimé Césaire. Este último autor “lançou, principalmente no mundo negro francófono, o conceito de negritude, variante cultural do pan-africanismo enquanto consciência coletiva dos negros” (UNESCO, p.900-901, 2010a).

No que se trata das manifestações pan-africanistas na América do Sul, Elisa Narkin Nascimento, em “Pan-africanismo na América do Sul” (1981), traz uma abordagem histórico-sociológica do surgimento do pan-africanismo e da negritude na América, através de uma análise dos movimentos antirracismo. A autora destaca a importância do brasileiro entender a relação do Brasil com o mundo africano, haja vista o Brasil ser considerado o segundo maior país negro do mundo.

De acordo com a autora, o objetivo do estudo é documentar um ponto de vista “integrado” do nacionalismo e do pan-africanismo, através de uma perspectiva sul-americana, pois a maioria dos estudos privilegiou o “triângulo do pan-africanismo”: Caribe, Estados Unidos e Europa, em detrimento dos países de língua espanhola e portuguesa. Nesse sentido, os estudos de Nascimento contribuem de forma expressiva no preenchimento desta lacuna, ao refletir que:

Além dessa perspectiva sul-americana, quero também oferecer uma conceituação positiva do nacionalismo negro e do pan-africanismo, refutando, com uma análise histórico-política, a ideia dominante de que essas duas filosofias representam manifestações do “racismo às avessas”. Esta noção é comum tanto nas fileiras da esquerda política como da direita. Portanto, a análise focalizará as posições

tradicionais esquerdistas, esboçando a base histórica e conceitual da crítica nacionalista sobre a relação geral da esquerda com a luta e a comunidade negra (NASCIMENTO, 1981, p.16).

Elisa N. Nascimento explica que há uma tendência equivocada em interpretar o pan-africanismo como um ultimato para os africanos da diáspora em seu retorno à África. Embora seja uma realidade das primeiras manifestações, em seguida o movimento passou a ser compreendido com uma “luta para a libertação dos povos africanos em todos os lugares onde se encontrem” (NASCIMENTO, 1981, p.74).

O pan-africanismo é a teoria e a prática da unidade essencial do mundo africano [...] O pan-africanismo reivindica a unificação do continente africano, e a aliança concreta e progressista com uma diáspora unida. Nem toda diáspora, incidentalmente, se formou durante o tráfico escravista mercantil (NASCIMENTO, 1981, p.73).

O ponto de vista filosófico e analítico sobre o pan-africanismo exposto por Appiah (1997), em “Na casa do meu Pai”, já revela no prefácio a intenção do autor de mostrar a proposta de um pan-africanismo sem racismo que, para o autor, são “possibilidades concretas, cujas implicações este livro tem a intenção parcial de explorar, tanto na África quanto na sua diáspora” (APPIAH, 1997, p.12).

Nascido em Gana, o teórico utiliza o ponto de vista de um africano para analisar as questões que implicam o surgimento e desenvolvimento dos ideais pan-africanistas. Nesse sentido, sobre as diferenças entre os contextos de “aplicação” desses ideais do pan-africanismo e a crítica de alguns intelectuais de fora da África sobre a noção de revalorizar o passado, o autor explica:

Rejeitar a retórica da ascendência exige que se repense a política pan-africanista; na África, a literatura e sua crítica preocupam-se, mais explicitamente do que na Europa e na América do Norte, com as questões políticas; e a modernização e seu significado constituem a principal questão política com que se confrontam nossas instituições políticas (APPIAH, 1997, p.15).

O movimento da negritude, influenciado pelo pan-africanismo, teve início, de forma organizada ideologicamente, por volta dos anos 1920, na França, quando o termo *négritude* foi usado por Aimé Césaire, que fazia parte de um grupo de antilhanos concentrados em Paris. Para chegar ao ideal que o termo adquiriu com o passar das décadas e as críticas que foram atribuídas, é importante fazer um percurso por alguns dos sentidos que podemos atribuir ao termo e, em especial, à forma em que fora empregado pelo movimento negro brasileiro para tentarmos entender as peculiaridades adquiridas pelo termo no contexto nacional.

Em “A questão da negritude” (1984), Zilé Bernd desenvolve o conceito de negritude a partir da afirmação dos valores negros, como desejo de recuperar o orgulho de ser negro. Bernd afirma que a negritude nasce como uma forma de antirracismo. No livro “O que é Negritude” (1988), a autora reescreve suas reflexões sobre a temática, considerando oportuna a discussão sobre as várias acepções que a negritude tomou no contexto do final do século XX. O movimento da negritude surgiu em Paris, nos anos 30, e foi definido por Césaire como “uma revolução na linguagem e na literatura que permitiria reverter o sentido pejorativo da palavra negro para dele extrair um sentido positivo” (BERND, 1988, p.17).

O termo negritude também é discutido em “Negritude: usos e sentidos”, de Kabengele Munanga (2012). De acordo com este autor, o conceito de negritude surgiu como resultado de um movimento de intelectuais negros, existindo três acepções do termo negritude: de caráter biológico, psicológico e cultural. A interpretação biológica ou racial, de acordo com o autor, refere-se a “tudo o que tange a raça negra, é a consciência de pertencer a ela” (p.58). Já de caráter psicológico “a

negritude seria o conjunto de traços característicos do negro no que se refere a comportamento, capacidade de emoção, personalidade e alma” e o cultural seria “a afirmação do negro pela valorização de sua cultura” (p. 59-60).

A principal crítica à negritude, nesse sentido, pode ser resumida no seguinte questionamento: a negritude, como um movimento negro, não seria uma forma de racismo contra o branco? Munanga enfatiza que a melhor forma de compreender a negritude “seria situar e colocar a questão de negritude e da identidade dentro do movimento histórico, apontando seus lugares de emergência e seus contextos de desenvolvimento” (MUNANGA, 2012, p.15).

Discutir sobre a negritude, além de ser necessário entender o contexto em que surgiram os movimentos, também passa pela reflexão da construção da identidade negra, pela polêmica da discussão e desconstrução do conceito de raça, que tanto marcou a realidade de exclusão e dominação da história mundial. Dessa forma, “política e ideologicamente esse conceito [raça] é muito significativo, pois funciona como uma categoria de dominação e exclusão nas sociedades multirraciais contemporâneas observáveis” (MUNANGA, 2012, p.15).

Munanga (2012) defende a negritude como um tema atual, como parte da luta para a configuração de uma identidade negra positiva. Nesse sentido, “a *negritude* torna-se uma convocação permanente de todos os herdeiros dessa condição para que se engajem no combate para reabilitar os valores de suas civilizações destruídas e de suas culturas negadas” (MUNANGA, 2012, p.20).

No estudo “Rediscutindo a mestiçagem no Brasil”, Munanga (2008) introduz um panorama das características dos movimentos negros, principalmente no contexto do Brasil contemporâneo:

No que diz respeito aos movimentos negros contemporâneos, eles tentam construir uma identidade a partir das peculiaridades do seu grupo: seu passado histórico como herdeiros dos escravizados africanos, sua situação como membro de grupo estigmatizado, racializado e excluído das posições de comando na sociedade cuja construção contou com seu trabalho gratuito, como membros de grupo étnico-racial que teve sua humanidade negada e a cultura inferiorizada. Essa identidade passa por sua cor, ou seja, pela recuperação de sua negritude, física e culturalmente (MUNANGA, 2008, p.14).

Munanga também se dedica a discutir as dificuldades que os movimentos negros enfrentam por consequência dos fundamentos da ideologia racial elaborada do final do século XIX até o início do século XX, na sociedade brasileira. Para ele, essa “ideologia caracterizada, entre outros, pelo ideário do branqueamento, roubou dos movimentos negros o ditado “a união faz a força” ao dividir negros e mestiços e ao alienar o processo de identidade de ambos” (MUNANGA, 2008, p.15).

## **2 Oliveira Silveira: poesia afro-brasileira ou negro-brasileira e o movimento negro**

Para o escritor e pesquisador Luiz Silva Cuti (2010), a partir do surgimento do personagem negro, autor negro e leitor negro, que incorporaram discussões pertinentes aos elementos culturais, sociais e políticos referentes à origem africana, pode-se considerar uma vertente negra na literatura brasileira e sobre qual a melhor forma de nomear essa literatura já existem algumas divergências. Para Cuti (2010), o termo mais adequado seria literatura negro-brasileira. Segundo o estudioso, “denominar de afro a produção literária negro-brasileira (dos que se assumem como negros nos seus textos) é projetá-la à origem continental de seus autores” (CUTI, 2010, p.35), ou seja, essa expressão remete a uma origem africana que, para o autor, afasta essa vertente negra da literatura brasileira.

Essa utilização dos termos afro-brasileiro e afrodescendente também é defendida por outros escritores, poetas e estudiosos da temática. A esse respeito, Munanga afirma que:

Algumas correntes dos movimentos negros preferem utilizar a expressão “afro-descendentes” ou “identidade afro-descendente”, sugerindo, implicitamente, que essa seja capaz de criar um consenso e a unidade que a identidade “negra” ou “mestiça” não consegue cristalizar (MUNANGA, 2008, p.16).

A principal questão levantada por Cuti (2010) é que ao utilizar as expressões afro-brasileiro ou afrodescendente remetendo aos autores, não significa que o autor seja negro-brasileiro. O que inicia a discussão de um critério que se configura em outra polêmica sobre essa literatura, se o autor é negro ou não. Para ampliar essa reflexão, mostraremos um breve panorama do ponto de vista de alguns estudiosos da literatura afro-brasileira, afrodescendente ou Literatura Negra.

De acordo com Benedita Gouveia Damasceno (2003), foi a partir do Modernismo, que introduziram interesses de ordem social na literatura como, por exemplo, pelos problemas sociais. Nesse movimento foi possível redescobrir o Brasil “com todas as suas características de uma sociedade mestiça, permitiu uma abertura maior para a afirmação de setores marginais, dentre os quais se colocava a poesia negra” (DAMASCENO, 2003, p. 55). Sobre esse novo momento na literatura, Damasceno afirma:

Houve uma revitalização do regionalismo, do tradicionalismo e folclore. As tradições e contribuições culturais indígenas e negras passaram a ter direito inegável de presença na literatura. Um grande interesse pelos estudos históricos, sociais, etnográficos e linguísticos do homem brasileiro foi também despertado nessa época (DAMASCENO, 2003, p. 55).

Domício Proença Filho, em “A trajetória do negro na literatura brasileira” (2004), discute sobre a importância de pesquisas nessa área e destaca a opção por evidenciar a representação do negro na literatura no lugar de procurar um conceito de literatura negra:

Entendo que é muito mais pertinente e apropriado, por força mesmo do propósito de afirmação da etnia, que, em lugar de literatura negra se defenda a referência à presença do negro ou da condição negra na literatura brasileira. Tal posicionamento foge a qualquer jogo preconceituoso, além de facilitar à caracterização da matéria no processo literário do país e a avaliação mais objetiva da contribuição literária de representantes assumidos da etnia que, mesmo diante dos mais variados obstáculos, têm trazido a público, nas últimas décadas, a força de sua palavra poética (PROENÇA FILHO, 2004).

Em seu estudo “Poesia negra no Modernismo Brasileiro” (2003), Damasceno destaca que a produção da poesia negra modernista não está atrelada a cor da pele do escritor, que é apenas uma de suas características. “Daí pode-se dizer que a característica fundamental da poesia negra brasileira é a procura e/ou afirmação da identidade negra” (DAMASCENO, 2003, p.6). Ainda sobre a busca pela identidade negra, Damasceno afirma que:

Mesmo na poesia de motivos negros escritos por autores negróides ou brancos, evidencia-se essa procura de uma real identidade para o afro-brasileiro. O reconhecimento da deformação dos conceitos até então comuns sobre o negro, faz com que esses poetas empreendam a busca de uma nova imagem para ele, seja pelo reconhecimento de sua contribuição para a fisionomia sociocultural e econômica do país, seja pela louvação de seu heroísmo e constatação dos sofrimentos físicos e morais a ele impostos desde a Escravidão (DAMASCENO, 2003, p. 66-67).

Nesse contexto, Damasceno (2003) indica-nos três pontos norteadores para a poesia negra. O primeiro é a temática negra, mas para ser apontada como característica da poesia negra tem de ser resultado de estudos “objetivos e sinceros da cultura e trajetória do negro na história do Brasil”,

trazendo uma “identificação sentimental com a alma negra”. O segundo ponto é a rítmica, ou seja, a utilização de ritmos oriundos da cultura afro-brasileira, como a batida do batuque, de samba, de música de candomblé “que tiveram entrada na poesia brasileira pela aceitação de todos os ritmos, como pregavam os modernistas”. E o terceiro norteamto são as inovações verbo-semânticas que, como explica a autora, se deu pela mediante a construção “de frases representativas da população negra ou da população influenciada pelo negro passaram a ser usados na poética desses autores, principalmente na expressão da prática da magia e dos sentimentos de religiosidade dessa população” (DAMASCENO, 2003, p.67).

Eduardo de Assis Duarte, em “Literatura e Afrodescendência” (2005), utiliza como critério para a definição da literatura afrodescendente cinco elementos: a temática: o negro como o tema principal da literatura negra; a autoria: uma escrita proveniente de autor afro-brasileiro; o ponto de vista: perspectiva e, mesmo, de uma visão de mundo identificada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida desse segmento da população; a linguagem, fundado na constituição de uma discursividade específica, marcada pela expressão de ritmos e significados novos e, mesmo, de um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas de África e inseridas no processo transculturador, em curso no Brasil e no público leitor: afrodescendente como fator de intencionalidade próprio a essa literatura e, portanto, ausente do projeto que nortearia a literatura brasileira em geral. No texto “Notas sobre a literatura brasileira afro-descendente”, Duarte afirma:

No caso específico de nossa produção letrada, outras barreiras nada desprezíveis colocam-se frente à tarefa de tornar mais visível o corpus da afro-brasilidade. Tais empecilhos vão desde a estigmatização dos elementos oriundos da memória cultural africana e o apagamento deliberado da história dos vencidos até ao modo explicitamente construído e não essencialista com que apresentam as identidades culturais (DUARTE, 2002, P.51).

Damasceno (2003) contempla as seguintes características da poesia negra: procura e/ou afirmação da identidade negra; a ausência de um código de cor básico e obrigatório; o uso de temas da vida e da população negra resultante de vivências próprias ou de estudos e observações conscientes; a reprodução dos ritmos negros; a introdução na poesia de termos e palavras do vocabulário afro-brasileiro; a transformação e reabilitação semântica da linguagem (DAMASCENO, 2003, p.69).

Nesse sentido, Cuti (2010) em “Literatura negro-brasileira” discute temas como identidade autoral e vida literária, destacando, principalmente os autores dos *Cadernos Negros* com trinta anos de edição no Brasil. No texto “O leitor e o texto afro-brasileiro” (2002), Cuti analisa a participação do negro como personagem, autor e leitor, e argumenta que à literatura negra brasileira não cabe à idealização fácil. Pelo contrário, constitui-se como “papel fundamental da não idealização do negro e do branco, investindo contra os estereótipos, e demonstrar que nem tudo o que seduz é branco, captando os movimentos sinuosos da ideologia racista na variada gama de situações sociais” (CUTI, 2002, p. 34).

Oliveira Silveira nasceu no ano de 1941, no estado do Rio Grande do Sul. Pesquisador, historiador e poeta, como participante do grupo Palmares, foi um dos idealizadores do Dia da Consciência Negra, assim como defensor de que essa data fosse comemorada em 20 de novembro, dia da morte de Zumbi dos Palmares. Publicou os livros *Germinou* (1962), *Poemas Regionais* (1968), *Banzo*, *Saudade Negra* (1970), *Décima do Negro Peão* (1974), *Praça da Palavra: poemas* (1976), *Pelo Escuro: poemas afro-gaúchos* (1977), *Roteiro dos Tantãs* (1981), *Poema sobre Palmares* (1987), entre outros. Além de publicações em Antologias como *Cadernos Negros* e *Axé*.

A partir das reflexões anteriores sobre negritude e da literatura negro-brasileira, faremos uma leitura parcial de dois poemas de Oliveira Silveira, “Sou duro” e “Encontrei minhas origens” para verificarmos como estas marcas se fazem presentes em seus poemas, problematizando, assim, quais caminhos poéticos desenvolvidos nos textos, traços estilísticos, vocabulário entre outros

aspectos, que demarcam a possibilidade de características, tocante à produção literária negra. Zilá Bernd, em “Introdução à literatura negra” (1988), também faz menção a poética de Oliveira Silveira quando reflete sobre a participação do autor na formação de uma epopeia negra na literatura nacional:

[...] a contribuição de Oliveira Silveira ganha importância por sua originalidade. Oliveira Silveira rejeita sistematicamente a evocação da “contribuição” do negro na construção da história rio-grandense. Para ele, a palavra não é “contribuição”, mas participação ativa, o que o leva a redimensionar a atividade do negro, que emerge na trama poética de maneira substantiva (BERND, 1988, p.84).

Em Roteiro dos Tantãs percebemos que os rumos poéticos de Oliveira Silveira começam a evidenciar as representações da negritude num âmbito nacional, os elementos regionais ainda estão presentes, mas percebemos a busca pelo rompimento dessas fronteiras.

O primeiro poema faz referência ao título do livro além de dialogar com a proposta dos outros poemas.

### **Tantã**

Tantã

sinto teu som  
me entrando nos ouvidos  
me rachando a montanha  
do peito

tantã

ecoando nas entranhas

tantã

voz vulcânica de chão  
lavas de lágrimas e de emoção

tantã

lavas fundas de origem

tantã

voz do ser (SILVEIRA, 2009, p.70).

Tantã é um tipo de tambor, o poeta gaúcho não só usa esse termo no título da obra como nomeia o poema de abertura. Dessa forma, fazendo relação com os ritmos e sons presentes no decorrer da obra. Donizeth Aparecido dos Santos no seu estudo sobre as influências dos movimentos culturais negros nos poemas de Oliveira Silveira, destaca que

Do *Negrismo Cubano*, Oliveira Silveira vai buscar inspiração nos poemas de Nicolas Guillén para elaborar poemas cuja matéria-prima é a linguagem onomatopéica que procura reproduzir o som do tambor e outros instrumentos de origem africana, associados aos ritmos das cerimônias religiosas afros (SANTOS, 2010).

A esse respeito Bernd (1987) comenta que o Oliveira Silveira “está perfeitamente integrado à corrente negritudinista existente nos grandes centros de irradiação cultural do país e também do Caribe, pois muitas vezes aparecem em epígrafe Guillén e Césaire, ele se singulariza dos demais pela busca simultânea, de uma identidade negra e de uma identidade gaúcha” (BERND, 1987, p.125).

No poema “Sou duro”, procuramos destacar as marcas da negritude, observando as referências aos descendentes de africanos, escravos e, principalmente, as manifestações anticolonialistas, exemplificadas nos versos: “bendita a lança, as balas /de Zumbi, do Haiti”. Segue

o poema:

**Sou duro**

Sou duro, sou duro,  
no fundo eu sou é duro  
mas serei piedoso:  
bendito o leão  
que comeu o missionário...  
Sou duro, eu sou é duro,  
Tenho minhas razões  
mas serei caridoso:  
bendito o canibal  
que devorou a explicação...  
Eu tenho os meus motivos,  
por isso é que sou duro,  
mas serei generoso:  
bendito o vidro moído  
nos bofes do senhor,  
bendita a lança, as balas  
de Zumbi, do Haiti,  
há muito tempo eu tenho os meus porquês  
de ser duro, sou duro  
mas serei bom e dócil  
benditos os riots,  
o saque, o fogaréu  
e os raios afiados de Xangô  
para os que me fizeram  
(sou duro, eu sou é duro)  
ter estas razões (SILVEIRA, 2009, p.79).

A valorização do passado africano (ideal *de volta às origens*) constitui-se como uma das primeiras ideologias, tanto no sentido negativo, quanto positivo, promovidas pelo pan-africanismo e pela negritude. O movimento negro brasileiro também aderiu a esse pensamento. Na literatura negro-brasileira podemos encontrar exemplos dessa representação. No poema “Encontrei minhas origens” do Roteiro dos Tantãs (1981), Silveira retrata, exemplarmente, essa temática, não de forma reducionista, mas numa representação de uma viagem ao interior do eu, uma busca pela identidade nos detalhes que vão dos mais sutis, “Em doces palavras”, até os mais perturbadores, “Em furiosos tambores”:

**Encontrei minhas origens**

Encontrei minhas origens  
Em velhos arquivos  
Livros

Encontrei  
Em malditos objetos  
Troncos e grilhetas

Encontrei minhas origens  
No leste  
No mar em imundos tumbeiros

Encontrei  
Em doces palavras  
Cantos  
Em furiosos tambores  
Ritos (...) (SILVEIRA, 2009, p.70).

Compreender a relação dos movimentos de valorização da África e dos descendentes de africanos com a literatura perpassa por questões históricas, políticas, econômicas e culturais dos países da África e sua diáspora. Assim, entender a trajetória dos principais personagens que participaram e participam das lutas pela integração e libertação dos países africanos torna-se importante para poder repensar as ideologias do Pan-africanismo e da Negritude, buscando uma ressignificação na contemporaneidade através da literatura e dos poemas escolhidos nesse estudo.

### **Referências Bibliográficas**

- 1] APPIAH, Kwame Anthony. Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura. Trad. Vera Ribeiro; Rev. Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- 2] BERND, Zilá. A questão da negritude. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- 3] BERND, Zilá. Introdução a Literatura Negra. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- 4] BERND, Zilá. Negritude e literatura na América Latina. Porto Alegre: Mercado. Aberto, 1987.
- 5] BERND, Zilá. O que é Negritude. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- 6] CUTI, Luiz Silva. "O leitor e o texto afro-brasileiro" in Poéticas afro-brasileiras. Mazza. Belo Horizonte, 2002.
- 7] \_\_\_\_\_. Literatura Negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- 8] DAMASCENO, Benedita Gouveia. Poesia negra no Modernismo brasileiro. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- 9] DUARTE, Eduardo Assis. Literatura e afro-descendência. In: Literatura, política, identidades: ensaios. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- 10] DUARTE, Eduardo de Assis. Notas sobre a literatura brasileira afro-descendente. In SCARPELLI, Marli Fantini e DUARTE, Eduardo de Assis (Orgs.) Poéticas da diversidade. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2002.
- 11] MUNANGA, K. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- 12] \_\_\_\_\_. Negritude. Usos e sentidos. São Paulo: Ática, 2012.
- 13] NASCIMENTO, Elisa K. Pan-africanismo na América do Sul. Petrópolis: Vozes, 1981.
- 14] PROENÇA FILHO, Domicio. A trajetória do negro na literatura brasileira. Estudos Avançados 18 (50), 2004. Disponível em: [www.scielo.br/scielophp?pid=S010340142004000100017](http://www.scielo.br/scielophp?pid=S010340142004000100017).
- 15] SANTOS, Donizeth Aparecido dos. Poetas de todo mundo. Revista de História e Estudos Culturais, Telêmaco Borba, ano IV, v. 4, n. 2, abr./maio/jun. 2007.
- 16] SILVEIRA, Oliveira. Poemas: antologias. Porto Alegre: Edição dos Vinte, 2009.
- 17] UNESCO. História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 / editado por Albert Adu Boahen. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.

---

i **Kislana Rodrigues Ramos da SILVA, Mestranda**  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
kislana@gmail.com

ii **Rosilda Alves BEZERRA, Profa. Dra**  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
rosildaalvesuepb@yahoo.com.br